

*KAGW*

CACHAÇA: MODOS DE BE  
E PRODUÇÃO DE CORPOS  
TERRITÓRIOS *KAIOWÁ*  
MATO GROSSO DO

---

*KAGWYE*  
CACHAÇA: MODOS DE BEBER  
E PRODUÇÃO DE CORPOS EM  
TERRITÓRIOS *KAIOWÁ* NO  
MATO GROSSO DO SUL

LEANDRO LUCATO MORETTI

PUC/SP

## **KAGWY E CACHAÇA: MODOS DE BEBER E PRODUÇÃO DE CORPOS EM TERRITÓRIOS KAIOWÁ NO MATO GROSSO DO SUL**

### **Resumo**

O texto que segue busca discutir os usos de bebidas alcóolicas em áreas ocupadas pelos Kaiowá no estado do Mato Grosso do Sul, a partir de um olhar da psicologia social. No trabalho de campo, buscou-se investigar diferentes sentidos a respeito da coexistência de bebidas e modos de beber. Pode-se observar usos do *kagwy* (bebida fermentada geralmente de milho) e, em diferentes contextos, da cachaça (bebida destilada). Também foi possível perceber que a circulação de bebidas pode, ou não, assumir potências construtivas perpassando aspectos culturais, a sociabilidade, a construção do corpo, a saúde, entre outros. Além disso, transformações e permanências nos modos de beber podem indicar, ou não, formas de resistência à histórica opressão e confinamento da sociedade envolvente.

Palavras-chave: Kaiowá, bebidas alcóolicas.

## **KAGWY AND CACHAÇA: MODES OF DRINKING AND PRODUCTION OF BODIES IN KAIOWÁ TERRITORIES IN MATO GROSSO DO SUL**

### **Abstract**

This manuscript aims to discuss the uses of alcoholic beverages in areas occupied by the Kaiowá in the state of Mato Grosso do Sul, from a social psychology perspective. In the field work, we looked forward to investigate different senses regarding the coexistence of beverages and modes of drinking. We can observe uses of the *kagwy* (fermented drink generally of corn) and, in different contexts, of the *cachaça* (distilled drink). It was also possible to perceive that the circulation of beverages may, or may not, take on constructive potentials through cultural aspects, sociability, body construction, health, among others. Moreover, transformations and permanence in drinking modes may, or may not, indicate forms of resistance to the historical oppression and confinement of the surrounding society.

Key Words: Kaiowá, alcoholic beverages.

## **KAGWY E CACHAZA: MODOS DE BEBER Y PRODUCCIÓN DE CUERPOS EN TERRITORIOS KAIOWÁ EN MATO GROSSO DEL SUR**

### **Resumen**

El texto que sigue busca discutir los usos de bebidas alcohólicas en áreas ocupadas por los Kaiowá en el estado de Mato Grosso del Sur, a partir de una mirada de la psicología social. En el trabajo de campo se buscó investigar diferentes sentidos respecto a la coexistencia de bebidas y modos de beber. Se pueden observar usos del *kagwy* (bebida fermentada generalmente de maíz) y, en diferentes contextos, de la cachaça (bebida destilada). También fue posible percibir que la circulación de bebidas puede, o no, asumir potencias destructivas que traspasan aspectos culturales, de sociabilidad, la construcción del cuerpo, la salud, entre otros. Además de eso, las transformaciones y permanencias en los modos de beber pueden indicar, o no, formas de resistencia a la opresión histórica y al confinamiento impuestos por la sociedad circundante.

Palabras clave: Kaiowá; bebidas alcohólicas

Leandro Lucato Moretti  
le\_moretti@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

As observações<sup>1</sup> aqui apresentadas são uma síntese de vivências e inquietações que me cercaram desde o início da minha ainda breve trajetória com os Kaiowá no Mato Grosso do Sul (MS), no período da graduação em psicologia, em 2011, até a elaboração da dissertação de mestrado, em 2017. Foi possível perceber que as demandas colocadas para essa área eram complexas e estavam relacionadas com questões vivenciadas cotidianamente, como o consumo considerado abusivo de bebidas alcólicas, a violência e casos de suicídio em muitas áreas indígenas no sul do estado e da região da cidade de Dourados, foco deste trabalho.

Buscando um diálogo com essas demandas, a pesquisa construída no mestrado teve por objetivo conhecer e registrar sentidos do uso e o abuso de bebidas em áreas habitadas pelos Kaiowá, a partir de uma tentativa de relacionar pesquisas em saúde mental indígena, pesquisas etnográficas e categorias kaiowá, buscando se aproximar de perspectivas próprias desses grupos.

Os territórios tradicionalmente ocupados pelos mais de 30.000 Kaiowá<sup>2</sup> (SIASI/SESAI, 2014), estão localizados principalmente na região sul do estado de Mato Grosso do Sul. Esses grupos possuem saberes e modos de viver próprios, significando suas vivências cotidianas a partir de conceitos distintos do pensamento hegemônico ocidental, pautados na relação diferenciada que mantém com a terra, que por sua vez é um suporte fundamental para

a sua produção e reprodução de seus modos de existência.

No município de Dourados-MS, a população indígena é estimada em mais de 15.000 pessoas, distribuídas nas seguintes áreas: Reserva Indígena de Dourados (RID), *Panambiꞑi-nho*, *Nú Verá I*, *Nú Verá II*, *Apyka'i*, *Boqueirão* e *Pakurity*, além dos novos acampamentos de retomada que surgem constantemente e da população moradora da área urbana. Deve-se destacar que, apesar de um processo histórico que data do início do século XX, cada área possui características próprias. A RID, onde estão localizadas as aldeias *Jaguapirú* e *Bororó*, segundo o Instituto Socioambiental (ISA, 2017), possui 11.880 habitantes em um pequeno território de 3.000 hectares, e é uma das grandes expressões do projeto integracionista e de colonização do Mato Grosso do Sul, que buscou integrar as populações indígenas à sociedade envolvente.

São características comuns das áreas Kaiowá a pequena extensão territorial e a crescente concentração demográfica. Atualmente, vivenciam um contexto de forte repressão e preconceito, uma vez que a relação que mantém com seu o território tradicional, vital para a prática do seu modo de vida, colide com interesses mercantilistas e o avanço cada vez maior do agronegócio na região. A expulsão e a perda de seus territórios tradicionais são características marcantes do processo histórico de colonização da região, narrado por Brand (1997) como um confinamento em pequenas reservas de terra.

O discurso da sociedade envolvente com relação aos Kaiowá é que são contrários ao desenvolvimento da região, por meio do lucro sobre os territórios, e se fundamenta em uma imagem que os indígenas são “vagabundos, preguiçosos e bêbados”. Esse discurso ignora por completo as características do modo de vida e da cosmologia Kaiowá. Soma-se a reprodução de determinadas práticas pautadas na ideia de integração dos indígenas à sociedade nacional, desconsiderando-os como produtores de saberes próprios, estimulando uma dependência a políticas públicas em detrimento a autonomia desses grupos. Além disso, a partir desse ponto de vista hegemônico, muitos dos problemas sociais existentes nas áreas indígenas, entre eles o uso considerado abusivo de bebidas alcoólicas e a relação com a violência interna, são devido a uma suposta “natureza selvagem e violenta” dos grupos indígenas da região.

Essa ideia desconsidera todo o processo histórico e cultural vivenciado pelos Kaiowá e a capacidade de resistência desses grupos a um projeto integracionista que vem sendo colocado em prática secularmente. É necessário adotar um olhar diferenciado para essas questões, trazendo para a discussão o processo histórico e o contexto cultural, para tentar entender como estes se relacionam com a construção de pessoas entre os Kaiowá, no intuito de evitar uma projeção etnocêntrica. A ideia de processos de alcoolização indígena (Souza 2013:22) em oposição à ideia de alcoolismo, ou dependência do álcool, vai permitir considerar de forma contextualizada práticas etílicas nos

grupos indígenas, se relacionando com as características culturais envolvidas.

Nesse sentido, serão apresentados a seguir elementos construídos durante o trabalho de campo a respeito dos usos e os abusos de bebidas alcoólicas, principalmente na aldeia *Panambizinho*. Foram realizadas diferentes entradas e permanências nessa TI, e as informações aqui apresentadas foram principalmente construídas em conjunto com os interlocutores com quem tive possibilidade de contato. Destaca-se, uma rezadora, Nandesy<sup>3</sup>, e a sua família, que muito contribuíram e me ensinaram durante esse período. Ela é uma figura importante dentro da aldeia, e envolvida com diversas lutas políticas, além da participação ativa na *Aty Guasu* e na *Aty Kuña*, e outros movimentos sociais que pude acompanhar ao longo da nossa convivência, desde 2011. Além disso, atua como uma fonte importante de saberes Kaiowá, participando como mestra em diversos cursos de formação de professores e de lideranças. Também é importante destacar algumas vivências na Unidade Básica de Saúde *Panambizinho* (UBS *Panambizinho*) com diferentes profissionais, mas principalmente um *Agente Indígena de Saúde (AIS<sup>4</sup>)*, que atua há muito tempo na comunidade e tem uma participação ativa na resolução de questões do cotidiano da aldeia. Também possui uma participação política em movimentos e grupos de luta por direitos no campo da saúde indígena.

Para além do beber em si mesmo, os sentidos que podem girar em torno dessa ação, ou que fazem parte do contexto de uso, apresentados, tais como

corpo, saúde, festas e rituais. Na perspectiva de reconhecer a produção de saberes dos Kaiowá em sua legitimidade, o que se apresenta são as informações produzidas em campo, em diversas situações e em um conjunto amplo de relações.

### **KAGWY<sup>5</sup> E OS SEUS USOS**

Ainda no período de construção do projeto da pesquisa, pude conversar com um professor Kaiowá sobre o uso de bebidas alcoólicas. Ele me falava da complexidade dessa temática e destacou que deveria ser considerado o fato dos Kaiowá já produzirem sua própria bebida e a consumiam há muito tempo. Foi aí que me pareceu um primeiro caminho para percorrer nessa pesquisa e que era algo que eu já tinha acompanhado em campo.

Mais conhecida regionalmente como *chicha*, bebida fermentada feita principalmente de milho, o *kagwy* é comumente consumido entre os Kaiowá, sendo sua presença cercada por histórias, lembranças, rezas e cantos, evidenciando a sua importância. É possível encontrar diversas referências a essa bebida em pesquisas e etnografias construídas com esses grupos. Seraguza (2013), por exemplo, apresenta:

A *chicha*, palavra de origem *quéchuá*, é, preferencialmente, produzida por milho verde, branco, batata e cana de açúcar. Entre os falantes de Guaraní é comum ouvir que só se pode casar depois de aprender a fazer a *chicha* doce, bem doce. Casar ou continuar a fazer a *chicha* para o coletivo (...) (Seraguza 2013:150-151).

Ñandesy, em uma de nossas conversas, apontou que *chicha* era um nome mais conhecido e utilizado por grupos da região do Paraguai, enquanto que para eles da aldeia *Panambizinho* sempre foi conhecida como *kagwy*. Com os deslocamentos e contatos com esses outros grupos, Ñandesy conta que aprenderam a chamar de *chicha* também. Ela me ensinou que a bebida era utilizada pelas divindades e entidades ancestrais, sendo deixada como um presente para os Kaiowá. É produzida principalmente a partir do milho branco, um elemento importante na cultura Kaiowá como um alimento cotidiano e ligado à espiritualidade. Colman & Brand (2008) podem contribuir:

De todas essas variedades destacasse, pelo interesse etnológico, o *avati jakairá morotí* ou *avati puku*, de pé alto e grão branco, o preferido para fazer *chicha*. Para os Kaiowá, este tem uma simbologia especial embora os cuidados ou o respeito cerimonial e mágico sejam observados, também, no trato com outras variedades. Mas os Kaiowá dão maior importância ao *avati jakairá morotí* (Colman & Brand 2008:159).

Em uma conversa com um acadêmico Kaiowá durante uma etapa do curso *Teko Arandú* também foi possível perceber alguns elementos sobre o *kagwy*. Para ele, essa temática é complexa, pois representa uma grande diversidade de sentidos e existem variações no modo de preparo, ingredientes utilizados e os modos de beber. Não só existem muitos tipos de milhos nas culturas ameríndias, mas também é comum serem utilizadas na produção de bebidas a

mandioca, a batata e a cana-de-açúcar em suas múltiplas variedades.

A técnica de fermentação e o processo de produção de bebidas entre os povos ameríndios geralmente é de responsabilidade das mulheres, assim como apontado em Fernandes (2013) e Souza & Garnelo (2013). Entre os Kaiowá, o *kagny* também é produzido pelas mulheres. De acordo com Seraguza (2013:152), “a circulação dos conhecimentos culinários perpassa pelo domínio das mulheres”, o que evidencia que preparar a bebida é um saber que circula entre o feminino, ensinado por mulheres mais velhas para as mais jovens.

Pude acompanhar um encontro de Ñandesy com sua mãe, sua filha, algumas irmãs e sobrinhas para preparar a bebida na aldeia *Panambizinho*. Foram utilizados o milho branco, já colhido e limpo anteriormente, a batata doce, que segundo Ñandesy antigamente era utilizada como açúcar devido ao sabor adocicado, e água, na proporção de um terço de cada um desses ingredientes. Primeiramente, o milho branco foi misturado com a batata doce, em partes iguais, e então foi batido com o uso de um pilão até se obter uma espécie de farinha. Em seguida, essa massa foi misturada com água em uma panela e levada ao fogo para cozinhar. A mistura foi mexida até ferver por um tempo e depois transferida para um *nha'e* (grande recipiente) utilizando uma cabaça cortada transversalmente. Nesse momento, as mulheres começaram a cantar e a rezar, seguindo as prescrições necessárias para transformar essa mistura em uma bebida consumível.

As mulheres envolvidas na produção foram as primeiras a experimentar a bebida, começando pela mais velhas. Já armazenada totalmente no outro recipiente, tampado com folhas de bananeira, foi a vez dos homens Kaiowá presentes beberem, e por último, nós, visitantes não indígenas. Ñandesy também guardou um pouco da bebida em uma garrafa e disse que iria guardar para presentear uma pessoa próxima que iria os visitar em outro dia. Seguiu-se então, com o uso do *mbaraka*<sup>7</sup> e da *takuapu*<sup>8</sup>, as rezas, os cantos e as danças tradicionais relacionadas com as prescrições para fazer uso da bebida e com a participação de toda parentela presente. O *kagny* era consumido por todos os presentes com o uso da cabaça, entre os intervalos de um canto e outro. Segundo explicou Ñandesy, com a realização das rezas e dos cantos, a bebida está pronta para o consumo, a modo que os antepassados faziam. Pode também ser armazenada, adquirindo um sabor cada vez mais adocicado devido ao andamento no processo de fermentação. Para se conseguir um bom *kagny*, o ideal é produzir alguns dias antes do momento planejado para o consumo, já que o sabor mais adocicado é valorizado entre os Kaiowá.

Com relação aos usos da bebida, foi possível perceber que os rituais característicos da vida kaiowá são marcados pela presença do *kagny*, como o *Kunumi Pepy*, o ritual de iniciação dos meninos, e o *Avati Kyry*, a festa do batismo do milho branco. Além disso, há também indícios de um uso mais cotidiano da bebida entre os Kaiowá, como um alimento.

Algumas falas de Ñandesy remetem a esse uso da bebida no cotidiano dos mais antigos, como um alimento que compõe a dieta ideal de um xamã. Ela lembra que antes não se bebia nada além do *kagwy*, e destacou em vários momentos de suas falas que não fazia mal para a saúde de quem bebia, não gera efeitos negativos no corpo, contribuindo para uma boa saúde, pois limpa impurezas, alegre e deixa saciado.

Destacou-se também nesses relatos o contraste do *kagwy* não somente com as bebidas alcólicas, como a cachaça e outras comuns atualmente, mas também com outras bebidas industrializadas, como os refrigerantes e sucos prontos, que possuem grandes quantidades de açúcar refinado e são comuns na alimentação cotidiana atual dos Kaiowá. A rezadora também aponta que o *kagwy* era utilizado logo pela manhã, acompanhado da *guavira* do campo (*Campomanesia adamantium*)<sup>9</sup>, por exemplo, compondo o café da manhã considerado ideal para ‘ter força’ durante o dia que se seguia. A *guavira*, quando disponível, principalmente em novembro, é “muito apreciada, tanto para o consumo direto como para o preparo de um tipo de chicha, considerada iguaria culinária” (Pereira 2016:75). Ñandesy também falou que a massa obtida a partir da trituração com o pilão no processo de produção do *kagwy* facilmente podia se transformar no *kagwyasu*, parecido com um curau de milho, também muito utilizado na alimentação tradicional.

## QUANDO A BEBIDA SE TORNA UM PROBLEMA?

O uso considerado abusivo de bebidas alcólicas destiladas, como a pinga ou a cachaça, chamadas de *caña*, é um grande desafio enfrentado atualmente em muitas áreas de ocupação Kaiowá e Guarani, principalmente pelo campo da saúde indígena. Desde as primeiras entradas do pesquisador em campo, o alcoolismo entre esses grupos sempre foi colocado como uma questão que deveria ser foco da psicologia. Certamente, foi uma das questões que motivaram a construção desta pesquisa e que demandam muito cuidado ao se olhar para essa complexa questão, buscando aproximação de explicações e percepções próprias desses grupos. Serão apresentados aqui os dados produzidos em campo relacionados com o uso abusivo de bebidas alcólicas destiladas em diferentes contextos, mas principalmente a partir de vivências na UBS *Panambizinho* acompanhando um *profissional da saúde indígena* da etnia Kaiowá e atua na aldeia há algum tempo, chamado aqui de *AIS*.

Em uma das conversas iniciais sobre a pesquisa que vinha sendo construída, *AIS* apontou sua perspectiva com relação a diversos problemas enfrentados pela comunidade na questão das bebidas alcólicas. Para ele, dos 365 moradores da aldeia Panambizinho cerca de 60 pessoas fazem um uso das bebidas alcólicas que ele considera abusivo porque “não conseguem ficar um dia sem beber”. Em sua fala, também apontou que os mais velhos seriam mais dependentes que os mais novos,

que por sua vez começam a beber a partir dos doze anos de idade.

Conforme descrito por Souza & Garnelo (2013:85), a idade em que se inicia o consumo de cachaça costuma ser semelhante ao início do uso de bebidas tradicionais por meio de rituais pubertários entre muitos ameríndios, podendo possuir relação com as transições e o desenvolvimento das fases da vida a partir da concepção de pessoa própria do grupo. No caso dos Kaiowá, um menino deve ter sua primeira embriaguez de *kagny*, de uma forma controlada, durante o ritual do *kunumi pepy*, realizado como preparação para a fase adulta, por volta dos 12 anos. Ainda segundo Souza & Garnelo (2013:86), o uso de bebidas alcoólicas industrializadas também nessa fase da vida pode estar “associado, por um lado, a um aumento da oferta e circulação da bebida nas aldeias, e por outro, à dinâmica das relações internas do grupo”. Especificamente entre os Kaiowá, o confinamento, que estabeleceu as áreas indígenas próximas às cidades, também contribuem para essa facilidade de circulação das bebidas destiladas.

*AIS* também apontou o período final do ano como uma época em que o uso das bebidas se intensifica devido às festividades associadas às datas cristãs, como o natal, constituindo um contexto de consumo associado com as relações internas do grupo, entre os parentes.

Em diversas falas, o agente de saúde apontou que as bebidas destiladas e o hábito de bebê-las foram trazidos por pessoas de fora dos grupos indígenas,

tempos atrás. Afirmou ver, atualmente, um processo semelhante ocorrendo com a entrada de outras drogas nas áreas indígenas, como a maconha e a pasta base de cocaína, que também são apresentadas aos jovens indígenas por pessoas externas ao grupo.

A introdução das bebidas destiladas nos grupos Kaiowá e Guarani ocorreu mais intensamente durante a época de desenvolvimento da Companhia Mate Laranjeira, no início do século XX. Para a extração de erva mate, a empresa utilizava amplamente da mão de obra dos indígenas que viviam na região sul do estado do Mato Grosso do Sul, e muitos eram cooptados para esse trabalho a partir da oferta de bebidas alcoólicas em grandes festas realizadas pelos colonizadores. Crespe (2015) descreve, a partir do diálogo com outros pesquisadores:

Depois de juntar a mão-de-obra, a empresa promovia grandes festas que propositalmente duravam três dias (Vietta 2007 apud Crespe 2015:95). As festas tinham muita bebida e mulheres e durante estes três dias os futuros trabalhadores contraíam uma dívida impagável. Os trabalhos nos ervais eram apenas para pagar as dívidas contraídas na admissão. Mas quando iam pagá-las já se tinha contraído nova dívida com a companhia. Isso ligava o trabalhador, com condições de trabalho escravo, à empresa. Os indígenas que tentavam fugir, quando capturados, eram duramente punidos (Ferreira 2007 apud Crespe 2015:95).

Vietta (2007) também descreve a organização de festas por parte de recruta-

dores, como o *jeroki macanudo*, os bailes paraguaios, para a cooptação de trabalhadores para os ervais da região:

Entre as formas utilizadas para aliciar a mão de obra está o conchavo, promovido por recrutadores pagos pelo número de pessoas que são capazes de atrair (Arruda 1989 apud Vietta 2007:53). De acordo com uma descrição de Puiggari, o conchavador chega a um povoado, onde “avulte a pobreza e a falta de recursos” e, articulado com o comissário de polícia local, organiza um “*jeroki macanudo*”, cabendo a este fazer os convites. O baile é farto e a cachaça “corre sem conta e sem medida”. Durante a festa, o recrutador descreve os ervais “com as mais belas cores”, destacando a possibilidade de “fazer fortuna”, mas o argumento decisivo é o adiantamento concedido ao futuro trabalhador. Ao amanhecer, todos os “homens válidos”, que participam do baile, estão “engajados para os ervais de Ponta Porã”. (Puiggari 1933 apud. Arruda 1989 apud. Vietta 2007:53).

É importante destacar, que neste momento a relação entre os colonizadores, recém-chegados com o fim da guerra do Paraguai, e os Kaiowá da região era marcada pelo uso da violência física de forma muito intensa, que sempre é lembrada nos relatos dos indígenas mais antigos com muito medo, mencionando fatos escabrosos dos mais diversos. Portanto, é possível perceber que de certa forma a bebida era dada como uma cordialidade, mas era como um presente envenenado (Fernandes 2013:56), pois resultava na criação de um vínculo de

trabalho por meio da criação de uma dívida impagável, condição análoga à escravidão. Neste período, inicia-se um momento de muitas transformações para os Kaiowá e Guarani, que ainda lutam contra violências das mais diversas, marcadas também pela introdução do álcool de forma violenta.

A partir desses aspectos do processo histórico, entre outros elementos, o uso de bebidas destiladas vai se tornando um problema. *AIS* apontou a falta de políticas públicas específicas e encaminhamentos adequados, relacionados ao uso abusivo de bebidas alcólicas, como uma grande barreira para a realização de um trabalho de prevenção que apresente resultados consistentes. Isso também se tornou evidente nos constantes pedidos para que fossem organizadas oficinas sobre a temática com jovens da aldeia, pois se acreditava que poderia gerar algum resultado apresentar os efeitos do uso abusivo das bebidas alcólicas para a saúde e o corpo por algum profissional específico.

Ao propor que era preciso ter uma visão mais profunda e próxima da questão antes de qualquer intervenção, o *AIS* sugeriu então que deveríamos fazer visitas a casas de algumas pessoas. Em uma manhã, conforme combinado, foram realizadas as visitas e conversamos com algumas das pessoas apontadas por *AIS* que faziam um uso que ele considerava abusivo de álcool na comunidade, e com alguns de seus familiares. Nesses momentos, pude observar alguns aspectos sobre estes usos de bebidas industrializadas que podem ajudar a construir uma base

para as reflexões aqui propostas sobre as relações entre os diferentes modos de beber existentes.

As bebidas consumidas de forma mais comum eram a pinga, chamadas por vários nomes como cachaça, corote ou *caña*, e a cerveja, e são de fácil acesso nos bares e pequenos comércios no distrito próximo à aldeia. Trocar alimentos, como o arroz e o óleo, que compõem a cesta básica entregue pela FUNAI e pelo Governo Estadual, por bebidas, é uma prática recorrente, muitas vezes incentivada pelos comerciantes, apesar da proibição de venda prevista no, em partes superado, Estatuto do Índio, e constantemente lembrada por meio de placas e avisos expostos nestes locais. De acordo com relatos obtidos em campo, também ocorre a adulteração, pelos donos dos estabelecimentos, das bebidas trocadas ou vendidas aos indígenas, misturando-se álcool combustível, de posto. Além disso, existem relatos de tentativas de envenenamento por meio das bebidas alcoólicas, conforme ocorrido em uma retomada dos Guarani Nandeva na região de Iguatemi, Mato Grosso do Sul, há alguns anos atrás. Ali um grupo de indígenas foi hospitalizado após ingerirem cachaça contaminada com *chumbinho* que foi encontrado em embalagens espalhadas pelo território retomado. À época, suspeitava-se da tentativa de envenenamento deliberado a mando de fazendeiros em virtude dos conflitos fundiários.

A respeito das motivações para beber, destaca-se a fala de uma mulher adulta: “(...) eu bebo com o pessoal que conheço aqui, para diversão mesmo, entende

(...) não me sinto triste, nem ñemoroy nem nada”. Além dela, algumas pessoas relataram que bebiam todos os dias, em qualquer horário e qualquer que fosse a bebida. Também relataram que muitas vezes não comiam nada ao longo do dia, apenas bebiam até onde aguentassem, sendo o limite ‘até cair’. Os efeitos no corpo relatados são os comuns ao uso de bebidas alcoólicas como vômitos, dores de cabeça, diarreia entre outros.

O *kagny* alimentava, contribuía para satisfazer as necessidades nutricionais do corpo e trazia benefícios para a saúde dos que a bebiam, portanto, era consumida ao longo de todo o dia, desde cedo, conforme descrito anteriormente. Além disso, o uso do *kagny* parece estar ligado à sociabilidade entre os grupos Kaiowá. Parece que estes elementos ainda estão presentes e se expressam em falas relacionadas aos modos de beber as bebidas destiladas na atualidade.

Também foram indicados, pelas pessoas visitadas, lugares onde os grupos se reúnem para fazer o uso das bebidas alcoólicas. Foi observado que os mais velhos se reúnem em determinados lugares, preferencialmente lugares mais antigos no ambiente da região; enquanto que os jovens preferem outros, que são mais recentes na vida cotidiana. Porém, também foi possível observar algumas pessoas bebendo nas beiradas das estradas próximas à aldeia ou até em trânsito por elas.

Em um dos casos apresentados pelo *AIS*, foi relatada uma tentativa de tratamento individualizado para alcoolis-

mo, a partir de uma iniciativa de um professor de Campo Grande/MS. De acordo com o relato, depois de dois atendimentos realizados na aldeia, foi prescrito um tratamento com o uso de um remédio (não souberam especificar o nome), que foi ministrado até o fim dos medicamentos que tinham sido disponibilizados pelo professor. Relataram que depois de algum tempo o tratamento foi interrompido por falta de acompanhamento e de medicamentos específicos.

Nestas visitas, foi observado também que muitos dos identificados como fazendo uso abusivo de álcool apontam outros como aqueles que bebem de forma abusiva e problemática, evidenciando dinâmicas e conflitos existentes na comunidade. Destacaram-se falas como “(...) são os jovens que bebem lá na [local de encontro dos jovens]”, “(...) sobre a bebida você tem que falar com [fulano], é ele que bebe mesmo, chega a cair” e “(...) as pessoas não fazem nada com relação a isso né, tem parente deles no meio”.

Pode-se perceber então que o uso abusivo das bebidas alcólicas se constitui nesses momentos como um elemento de trocas de acusações entre as parentelas e pessoas, perpassando por valores morais. Pereira (2016) aponta que:

Para além dos componentes do fogo doméstico, as relações entre pessoas são marcadas, ordinariamente, pela disputa política e, não raro, por acusações de diversas ordens, sempre envolvendo condutas moralmente condenáveis. Isto gera um clima de muita instabilidade nas relações de âmbito mais

abrangente, contrapondo a tensão aí predominante com a intimidade e a confiança mútua normalmente característica das relações internas aos integrantes de um fogo (Pereira 2016:29).

Nesse sentido, a acusação aos outros de ‘bêbado’, ou até mesmo ‘alcoólatra’, carrega valores morais e condutas coletivas, que busca desqualificar o alvo das acusações por meio do caráter negativo que esses estigmas possuem, indicando um uso abusivo e problemático das bebidas alcólicas. É importante perceber que essa dinâmica acirra as tensões entre as parentelas, resultando, algumas das vezes, em conflitos diretos. Além disso, também expressam a existência de formas de beber que seriam aceitáveis, isto é, comportamentos sob o efeito do álcool que são esperados e aceitos pelo coletivo.

Ainda nas visitas feitas com *AIS*, foram relatados pequenos acidentes e outros acontecimentos ocorridos devido à embriaguez causada pelo uso excessivo de bebida como cair, se envolver em conflitos, brigas, entre outros acontecimentos. Alguns familiares contaram ser comum encontrarem com as pessoas caídas pelos caminhos e estradas, o que além de gerar constrangimento individual e para a família, também gera danos físicos, como cortes e hematomas.

Já em conversas posteriores, *AIS* relatou um caso de homicídio e suicídio ocorridos no Panambizinho, o que se deu durante o período de realização do trabalho de campo desta pesquisa. Mostrando fotos e documentos sobre o acontecimento, relatou a sua versão

do conflito ocorrido entre um casal. De acordo com o interlocutor, coisas ruins vinham acontecendo com o casal, principalmente depois de começarem a beber muito juntos; considera que o ocorrido poderia ser evitado se alguém tivesse percebido os sinais ruins que apresentavam na relação.

Após o denso relato desse ocorrido, *AIS* lembrou-se de diversos acontecimentos passados na aldeia Panambizinho, como suicídios, homicídios, agressões e até mesmo casos de venda de veneno para pessoas em momentos de fragilidade ou vulnerabilidade. Para ele, as motivações que perpassam esses problemas e conflitos internos podem ser resolvidas de diferentes formas; mas podem também ser mediadas, se captadas por lideranças, rezadores, profissionais da saúde, professores ou outros agentes influentes no grupo. O uso abusivo de bebidas alcóolicas, entretanto, nesse contexto, aparece como um potencializador dessas motivações negativas, associando-se com a violência.

Uma indigenista com quem conversei na aldeia *Panambizinho* recordou um caso ocorrido alguns anos atrás de um outro casal de jovens que bebia muito e se envolvia em conflitos, resultando em suicídio dos dois. O casal teve uma criança retirada de sua guarda pelo Conselho Tutelar para o acolhimento institucional, e após algum tempo foi entregue a guarda de outro parente da mesma aldeia, o que pode ter contribuído com a imagem de que eram ‘maus pais’, entre outros acontecimentos ocorridos.

Para ela, a bebida vinha enfraquecendo alguns jovens da comunidade, deixando-os perdidos ‘pelas estradas’, sem nenhum projeto para futuro. Por outro lado, alguns jovens que vinham se tornando exemplos entre o grupo, que tinham emprego, estavam cursando ensino superior, entre outros espaços que eram considerados de prestígio internamente, e que bebiam, de certa forma influenciava outros jovens a beberem, mas nem todos conseguiam traçar os mesmos caminhos e muitas vezes ‘se afundavam na bebida’.

Esses tipos de relatos, que associam o uso abusivo de bebidas destiladas com a violência e outros problemas sociais existentes no cotidiano das áreas indígenas na região sul do Mato Grosso do Sul, são inúmeros e perpassam diversos aspectos da vida social dos grupos Kaiowá e Guarani. Falas de lideranças, principalmente ligadas a igrejas evangélicas, durante o I Fórum Estadual de Saúde Indígena também apontaram para essa relação e afirmavam a necessidade de se fazer algo com os jovens que bebem e encontrar meios de dificultar o acesso à bebida no interior dos territórios.

É importante destacar que o uso excessivo de bebidas alcóolicas por parte de pais de crianças muitas vezes é apontado como uma desestruturação familiar, a partir de um olhar ocidental, justificando arbitrariamente a retirada da guarda das crianças por parte do Conselho Tutelar. Nesses casos, as crianças são levadas a abrigos e outras instituições na cidade de Dourados-MS, até que a Vara da Infância e Juventude dê algum encaminhamento. De acordo

com o dado apresentado no relatório “Violência contra os povos indígenas do Brasil” de 2014, organizado pelo CIMI, foram mais de 20 crianças retiradas de suas famílias e que aguardavam a resolução de suas questões. Essa instituição se pauta nos direitos universais das crianças, como os expressos em diversos documentos, porém, neste contexto, devem-se considerar as especificidades sócio-cosmológicas, além da violência que o afastamento da criança de sua parentela, da convivência familiar e comunitária, se constitui sob a ótica dos Kaiowá e Guarani.

### **RELAÇÕES ENTRE OS MODOS DE BEBER E A CONSTRUÇÃO DE CORPOS**

As bebidas fermentadas tradicionais estão presentes na vida ameríndia há tempos, assumindo diferentes formas e sentidos. A sua produção e seus usos têm relação com aspectos cosmológicos e valores, podendo constituir potências construtivas imprescindíveis para a sociabilidade nos grupos indígenas. Langdon (2013:31) afirma que “a fabricação e o uso de bebidas fermentadas e substâncias psicoativas originaram-se da necessidade humana de ritualizar a vida social. Em geral, o uso tradicional dessas substâncias está ligado à esfera sagrada e à cosmologia do grupo”. A autora também observa que:

Como, quando e quanto bebem são aspectos característicos do estilo de beber adotado em cada grupo étnico. O consumo tradicional de bebidas fermentadas está não só

associado a atividades construtivas para o grupo social, como também expressa sensações e valores particulares. Os indígenas aprendem a beber seguindo os valores e comportamentos manifestados pelo seu grupo (Langdon 2013:33).

É importante perceber o caráter coletivo desses modos de beber, relacionando-se com a sociabilidade dos grupos, e pode expressar a importância dos valores coletivos no controle da forma que se bebe, delimitando quais comportamentos são considerados aceitáveis ou não sob o efeito da bebida. Nesse sentido, é importante perceber que as bebidas têm relação com a construção de diferentes corpos, conforme destaca Langdon (2013):

(...) é importante reconhecer que as bebidas fermentadas integram a fábrica social dos povos indígenas e fazem parte das manifestações de sociabilidade inter e intragrupal. Entre os povos amazônicos, a rotina da vida cotidiana é suspensa pelos ritos e festas coletivas, nos quais as bebidas fermentadas estão ligadas ao sagrado, ao divertimento, à reciprocidade e, em certos casos, à política. Muitas festas são cíclicas, marcando épocas específicas do calendário anual, como a colheita de certas frutas, a mudança das estações etc. (Langdon 2013:32).

Nesse sentido, entre os Kaiowá, foram observados vários elementos do *kagny* na alimentação tradicional, tal como o cultivo de determinados alimentos, além da maneira de utilizá-los. A bebida vincula-se ainda a situações organizadas para a circulação de saberes, quando o ritual da produção inclui o

ensinamento às jovens; ou quando sua utilização coroa um momento ritual de iniciação dos meninos. Está presente também na expressão das relações de reciprocidade, de gênero e em várias festividades. Observam-se, nessas situações todas, a manutenção e renovação de prescrições para o bem viver preconizado pelo modo de vida dos Kaiowá.

Dessa forma, é possível perceber que a maneira como os deuses viveram e vivem em outros patamares celestes como referência para justificar as práticas culturais do grupo, apontando para um modo de vida ideal. Portanto, a bebida, o seu preparo e os modos de beber tradicionais são referentes a usos do *kagny* que as divindades fizeram outrora, ainda no momento da criação dos mundos e planos, e foram deixados para os Kaiowá como uma referência, conforme narrativas em campo apontaram. A noção de corpo na cosmologia Kaiowá está relacionado com uma leveza física e de modo de ser, assim como os corpos dos ancestrais e divindades. Neste processo de produção de corpo leve, o *kagny* se faz presente como uma substância com importantes propriedades e efeitos, sendo consumida de forma cotidiana e em festividades e rituais característicos da cultura Kaiowá. A participação do *kagny* na construção de um corpo leve, capaz de realizar as viagens espirituais para os outros patamares e os diálogos com os *jára*, entidades donas das coisas deste mundo, é destacada por Vietta (2007):

O tipo de alimento consumido relaciona-se à perspectiva de alcançar leveza corpórea, onde a ausência

de peso que caracteriza os deuses é um parâmetro. Mas igualmente vincula-se a outras questões de caráter físico e emocional (também expressões da leveza do corpo-alma). Para muitos, um xamã (e um *yvyra'ija*) deve consumir essencialmente mel, *kãgni* e outros alimentos à base de milho, especialmente do *avati moroti*, além de frutas aves e peixe (...) um xamã também deve evitar o consumo de gordura, sal e açúcar, além de produtos industrializados, o que inclui o cigarro e as bebidas alcoólicas (Vietta 2007:376-377).

Para os Kaiowá, o corpo precisa ser leve, assim como o corpo dos deuses, pois é preciso ter capacidade de alcançar os patamares celestes acima do plano da terra. Conforme relatado aqui, os diferentes elementos com que o *kagny* está relacionado apontam que a bebida pode integrar o conjunto de prescrições necessárias para a construção de um corpo leve, capaz de alcançar a *Yvy Marã'e'j* (a Terra sem Males). Seraguza (2013:89) afirma: “com o controle do corpo, pode-se adentrar no *Teko Porã*, no bom viver, e adquirir a humanidade, tornando-se pessoa Kaiowa e Guaraní”. Pereira (2016) também pode contribuir:

Os padrões culinários adquirem importância, principalmente, por considerarem que a ingestão regular de determinados alimentos interfere na constituição da alma carnal ou telúrica, que, após a morte, se transforma no *anguéry* da pessoa. Essa alma representa perigo para os vivos e é composta, gradativamente ao longo da existência, por resíduos da alimentação e pelas consequências de relações sociais

desarmônicas nas quais a pessoa se envolve. Assim, o tipo de alimentação e a qualidade das relações contraídas com seus parceiros ao longo da vida predis põem a pessoa para comportamentos tanto valorizados como reprovados socialmente. Essa interferência se prolonga após a morte pela permanência de seu *anguéry* entre os vivos, enquanto seu corpo se decompõe (Pereira 2016:81)

Pode-se pensar que seguir o modo de se alimentar e beber das divindades vai no sentido da construção dos corpos leves. O *kagny* surge então como um elemento presente nas prescrições necessárias para a leveza do corpo e das relações sociais envolvidas. Seraguza (2013) destaca:

A reza/canto, a comida e os remédios do mato apontam para a preparação dos corpos para alcançar a divinização, o *agnyje*. Tal como os deuses, que os Guarani e Kaiowa evocam constantemente para justificar suas práticas como uma imitação ou “herança” destes, alcançar esta divinização, preconizada pelo corpo, não pode ser feita de maneira isolada. É preciso compartilhar corpos e construir novas pessoas; para isto, espaços de socialidade e dotados de agência, como os jogos de futebol, os eventos de reza/canto e as festas, são acionados por vezes, e podem contribuir com esta condição (Seraguza 2013:152).

Portanto, emergem os elementos que relacionam o modo de beber tradicional com a sociabilidade dos grupos Kaiowá e Guarani, onde o *kagny* é consumido nas festas e rituais, nas visitas aos parentes, encontros, entre outros

eventos que perpassam o cotidiano nas áreas indígenas.

Por outro lado, foi possível se aproximar das formas próprias que os Kaiowá buscam explicar o uso excessivo das bebidas alcólicas e os efeitos gerados, tanto no corpo, quanto no estabelecimento de relações sociais. Seraguza (2013:p.88) aponta que o contato e assimilação dos hábitos dos colonizadores europeus, principalmente os alimentares, como a ingestão de sal, álcool e carne de animais domesticados, parecem construir um corpo com “(...) peso que não pode ser vencido”, dificultando a chegada à Terra sem Males por meio da reza e dos rituais, afastando-se do modo de vida correto, pautado na forma como os deuses viveram em outro momento.

Ferreira (2012), a partir de observações do seu trabalho com os Guarani *Mbya*, pode contribuir com essa aproximação:

Quando a pessoa bebe demais e perde o “sentido”, ultrapassa limites e faz coisas que não deve, age contra o seu espírito divino que, ao não possuir alternativa, afasta-se dela deixando-a sem proteção. Ao estar sem proteção vários perigos ameaçam-na (...) a pessoa não morre porque está bêbada, mas sim porque está sem a proteção de seu ñe’ë. Se o ñe’ë afasta-se os espíritos dos mortos (*mbogüa*) e demoníacos (*anhã*), aproximam-se da pessoa e passam a exercer uma influência nefasta (...) (Ferreira 2012:16-17).

É possível pensar que o consumo excessivo das bebidas destiladas pode levar à construção de um corpo que

se afasta do corpo ideal, ocasionando o afastamento da parte da alma, ñe'ë, e de outros bons espíritos que perpassam a existência da pessoa Kaiowá, tornando-a vulnerável a aproximações de maus espíritos. O estado do *tekoaku* descrito por Seraguza (2013) também pode contribuir nesse entendimento:

O *tekoaku* é um estado de desordem na vida das pessoas que o vivenciam, um estado de transição entre o “nós”, pertencente ao grupo, e o “outro”, estrangeiro ao coletivo. Na desordem, os seres sobrenaturais podem levar a pessoa a deslizar para condutas não aprovadas no coletivo; são levadas ao excesso, à superabundância produtora do Outro (Seraguza 2013:91).

É importante lembrar que as bebidas destiladas são provenientes do contato entre os grupos indígenas com os colonizadores, que ocorre muitas vezes de forma violenta, tornando-se um elemento externo que adentra o modo de vida possível atualmente. Portanto, não se encontram, evidentemente, referências para esse modo de beber nos mitos originários que pautam a forma de viver ideal, indo, em vez disso, no sentido de viver conforme os *karaí*, os brancos, vivem. Ferreira (2012) apresenta que o espírito ligado às bebidas destiladas não tem parentes, mas busca se relacionar:

O uso abusivo de bebidas alcoólicas ameaça os vínculos sociais estabelecidos entre os parentes, porque a *canha* é uma substância que não têm parentes e que vem justamente a se interpor nas relações sociais atualizadas pela partilha de substâncias. O espírito da canha almeja

casar com o corpo da pessoa que bebe. Entretanto ao ser sozinho ele não tem como estabelecer vínculos de parentesco com essa pessoa e nem pode fortalecer os vínculos já existentes. Por outro lado, essa é uma substância proveniente do ‘mundo do branco’ que se instala no coração do sistema de reciprocidade Mbyá, ali mesmo onde são construídas as pessoas aparentadas através da partilha de substâncias. Nesse sentido, a condição de violência familiar é o resultado lógico que pode ser criado por um espírito que não possui parentes, mas quer relacionar-se (...) (Ferreira 2012:17-18).

A partir disso, pode-se compreender a cachaça e outras bebidas destiladas, podem se afastar do ideal de corpo leve, se aproximando da construção de um corpo pesado, quente, influenciado por maus espíritos, que “permite a emergência do excesso na vida social” (Seraguza 2013:92). Chamorro (no prelo), ao descrever o ritual do *kunumi pepy*, apresenta que no momento da reza longa realizada com os meninos no interior da casa de reza, com a presença de diversas entidades donas dos modos de ser, somente uma não é bem-vinda, o *Ka'a*: “ele não pode entrar porque ‘ele só tem curiosidade’, *obechasénte kunumi pepy*, porque é bagunceiro e bêbado; não por maldade, mas ‘porque seu tempo e seu ser são outros, de outra natureza’, *hi'áravointe, hekontevo'i upéa'*”.

A partir disso, é possível pensar na relação existente entre os modos de beber e os comportamentos esperados pelo coletivo no momento da embriaguez produzida pela bebida. Beber

pode assumir potências construtivas a partir dos corpos leves, perpassando pelas formas de ser e de se relacionar, do diálogo constante com suas entidades. Enquanto que o beber motivado por outras intenções e objetivos, para além da divinização, parece ir à direção da construção de outros corpos e modos de ser, distantes dos esperados pela vida tradicional, mas que também podem assumir suas potências construtivas.

Essa possibilidade, entretanto, não está garantida, pois muitas vezes o que se observa é uma interferência danosa da bebida destilada e, conseqüentemente, de seu *espírito sozinbo* em um modo de vida organizado de outra maneira, a partir de outras experiências, inclusive com a bebida. Assim, da mesma forma que se percebe uma postura de reconhecimento e aceitação de outras visões por parte dos Kaiowá, quando lidam com a bebida destilada como ligada a um espírito cujo *ser e tempo são outros, de outra natureza*, percebe-se uma influência marcada na maior parte das vezes por abusos de quem explora a situação atual, favorecendo o acesso dos indígenas aos destilados e/ou capturando-os em um uso que traz malefícios.

Uma fala de um professor indígena, obtida em uma conversa realizada durante uma etapa do *Teko Arandu*, destaca-se por buscar explicar problemas atuais a partir do confinamento a que foram submetidos os Kaiowá. Para ele, o isolamento, o alcoolismo e o suicídio podem ser formas buscadas para resolverem seus problemas com relação a si mesmo, ao grupo ou ao território, uma

vez que as andanças, em momentos de rompimentos e mudanças, características no tempo antigo, não são possíveis atualmente pela ausência de espaço para essa circulação. Nesse sentido, o interlocutor considerou essas práticas como mudanças na forma de resolução de conflitos decorrentes do confinamento.

Foi possível perceber que os elementos que cercam o uso de bebidas, podem apresentar mudanças ou permanências nos modos de beber atuais. Parecem ter suas relações com as redes de relações e a reciprocidade interna do grupo presentes frequentemente nos momentos festivos e outros acontecimentos que geram circulação de pessoas. Receber os parentes para tomar o *kagny* é algo comum na cultura Kaiowá, ligado a construção de relações sociais, boas e ruins.

Clastres (2012:212), ao falar sobre os modos de produção próprios entre os povos ameríndios, destaca como eles podem se constituir como uma recusa, uma resistência aos modos de vida ocidental. Nesse sentido, os modos de beber podem se constituir como resistência ao projeto integracionista imposto? Dias (2013) também pode contribuir com essa aproximação, ao apontar que:

(...) a circunscrição do consumo de bebidas alcoólicas num sistema de práticas culturais como uma estratégia para reduzir os riscos potenciais de desagregação social, e, ao mesmo tempo, garantir a positividade da experiência de estados alterados de consciência. Assim, entre as mais diferentes sociedades humanas, o uso do álcool é orien-

tado por regras e tradições culturais que prescrevem seu consumo com funções sociais e cerimoniais, da mesma forma que proscrevem a embriaguez excessiva e sem ponderação, fazendo com que os benefícios sociais e individuais de seu consumo não sejam sobrepujados pelos prejuízos potenciais (Dias 2013:108).

O que seria, então, um “uso abusivo”? Como, contraditoriamente, pode revelar a relação com outro modo de existir e resistência a transformações do modo de existir tradicionalmente? Diante dessas questões, as respostas não podem ser simplistas e não estão dadas. Principalmente se forem produzidas a partir apenas de parâmetros do conhecimento ocidental, eurocêntrico e etnocêntrico. Formular políticas de saúde nesse contexto, se representa um desafio que ainda precisa ser enfrentado, a fim de garantir a autonomia decisória desses grupos com relação as questões consideradas problemáticas.

### **COEXISTÊNCIA DE BEBIDAS, MODOS DE BEBER E CORPOS**

É importante destacar aqui o propósito desta discussão acerca dos modos de beber captados no trabalho de campo e a forma como devem ser abordados. Inicialmente, pode-se supor a existência de formas de beber contrárias, onde há um uso tradicional, inviabilizado, opondo-se a um uso atual, associado a diversos problemas sociais. Mas deve-se pensar essa questão de acordo com o apresentado por Souza & Garnelo (2013):

Em conjunto essas reflexões corroboram a ideia da dinâmica da cultura, em que a dicotomia entre tradição e mudança não se sustenta. Assim, o processo de alcoolização deve ser aqui concebido como resultado da coexistência de normas sociais e padrões de ação antigos e contemporâneos. Ela modula a configuração dos contextos de uso de álcool e permite, de formas diversas, e frequentemente conflitivas, atribuir sentido aos desafios que se apresentam na existência desses povos, empenhados em constante reelaboração de seu viver cotidiano (Souza & Garnelo 2013:92).

A partir disso, é possível arriscar que os diferentes sentidos do uso de bebidas observados em campo coexistem e se relacionam com a forma como os grupos indígenas percebem a sua existência. Essa reelaboração apontada pelos autores é muito evidente no modo de vida Kaiowá, que ao buscarem viver da forma como seus antepassados viveram em outro momento, podem atualizar os mitos que sustentam suas explicações de mundo e práticas, construindo novos elementos, expressando o caráter dinâmico das culturas indígenas. Este é o momento em que as perspectivas de mundo e teorias podem se encontrar com a realidade atual.

Portanto, essa diversidade de bebidas e sentidos de seus modos de beber está presente no cotidiano da área com que tive contato, assumindo potências construtivas, como o estabelecimento de relações de reciprocidade entre as parentelas e preparação do corpo para o diálogo com os deuses; ou não,

como ser associada e vista como causadora de conflitos e violências internas. Langdon (2013) pode contribuir com essa questão:

Os Bororo costumavam preparar a chicha para ficarem alegres. O comportamento dos que bebem cachaça hoje, ao contrário, é caracterizado por agressão e violência física. Atualmente, os valores associados ao comportamento do bêbado são influenciados significativamente pela introdução das bebidas destiladas, pelo processo de pacificação e pela inserção do índio na sociedade envolvente (Langdon 2013:34).

Heurich (2011) também observa que:

(...) uma distinção bastante pronunciada entre duas formas de embriaguez, ressaltando, antes de mais nada, que “o consumo de bebidas alcoólicas permite aos Guarani superar estados de tristeza” (Id: 279). Como dizia, os Kaiowa distinguem entre duas formas: embriagar-se positivamente (*porã*) e negativamente (*vai*), sendo que tanto a chicha quanto a cachaça podem proporcionar ambos estados. Quando o segundo deles aparece, não recai nenhuma culpabilização coletiva sobre o indivíduo, pois atribui-se esse estado como uma sujeição da pessoa ao *caña járy* – o espírito-dono da cachaça (Heurich 2011:87).

Nesse sentido, de acordo com os autores citados, as bebidas em geral podem produzir emoções diversas, como as alegrias ou raivas, perpassando pela forma de ser e se comportar perante o grupo sob o efeito da embriaguez, também como forma de acessar as divindades. É possível entender que apesar das restrições para a leveza do

corpo, independentemente da bebida que se consome, os modos de beber coexistem e se relacionam, em alguns momentos de forma tão próxima que podem acabar se encontrando, expressando formas de ser no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações e discussões realizadas neste trabalho, é possível compreender que a coexistência de modos de beber elaborados entre os Kaiowá estão presentes desde muito antes do início com o contato com o modo de vida ocidental. A produção de bebidas fermentadas se constitui como conhecimento que ainda circula entre as mulheres Kaiowá e Guarani, apesar de tentativas de higienização do processo, como a recomendação para a não utilização da saliva para se alcançar a fermentação. É preciso assinalar que devido a capacidade de resistência e criatividade desses grupos, esses processos são reinventados frente a novas questões e dificuldades impostas, atualizando o modo como e vivem os Kaiowá, sem que representem rupturas com seus modos de vida.

Entre mudanças e permanências nos modos de beber com a introdução das bebidas destiladas nos grupos indígenas, é possível perceber que novamente esses grupos reinventam suas práticas, buscando referências em seu modo de vida ideal. Nesse sentido, ao pensarmos ações e políticas específicas para essa questão, devemos nos afastar de perspectivas que se fundamentam na abstinência, considerando a articulação que existe entre o beber e concepções

fundamentais da vida Kaiowá. Como vimos, por essa prática pode-se alcançar todo um conjunto de potências que as bebidas assumem.

Tendo em vista essa compreensão, consideramos que é importante contribuir para o fortalecimento das práticas culturais e sociais do grupo em questão, a partir da construção, apropriação ou manutenção de espaços de reflexão e discussão próprios, onde possam diagnosticar e buscar caminhos para as soluções para o que consideram problemas, de forma autônoma.

## NOTAS

<sup>1</sup> O presente texto refere-se à dissertação de mestrado em psicologia social intitulada “Modos de beber em áreas indígenas no Mato Grosso de Sul: aproximações entre a psicologia social e perspectivas Kaiowá e Guarani”, construída entre os anos de 2015 e 2017 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) (MORETTI, 2017).

<sup>2</sup> Essa pesquisa focou grupos que se consideram Kaiowá, ou “Kaiowá puro” como dizem na aldeia *Panambižinbo*. É importante destacar que às vezes essa divisão de grupos é nítida, enquanto que outras vezes nem tanto.

<sup>3</sup> Seguindo orientações éticas da área da Psicologia, os nomes dos interlocutores serão mantidos em sigilo, para dificultar uma possível identificação. Essa interlocutora será referida aqui como Ñandesy.

<sup>4</sup> A partir das mesmas recomendações éticas, o nome do interlocutor será mantido em sigilo, sendo referido aqui como *Agente Indígena de Saúde (AIS)*

<sup>5</sup> Foram encontradas diferentes grafias na literatura existente, como ‘*kâguĩ*’, ‘*kagũĩ*’,

‘*kagui*’, ‘*kaguy*’ e ‘*kagn*’. Foi adotada a grafia orientada pelos interlocutores principais, ‘*kagny*’.

<sup>6</sup> Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

<sup>7</sup> Chocalho de cabaça e sementes tocado geralmente pelos homens, possuindo um som contínuo e agudo.

<sup>8</sup> Instrumento musical, geralmente tocado pelas mulheres, que consiste em um bastão utilizado para marcar o ritmo. É feito de taquara e toca-se batendo no chão, produzindo batidas graves. Mais informações sobre esses instrumentos musicais e a sua importância para os Kaiowá podem ser encontradas em Montardo (2002).

<sup>9</sup> Fruta típica da região de cerrado.

## REFERÊNCIAS

- Brand, A. J. 1997. O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra. Tese de Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre.
- Brasil, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Senado, Brasília-DF.
- Chamorro, G. no prelo *Kunumi Pepy*. Dourados-MS
- Clastres, P. 2013 *A sociedade contra o Estado*. Tradução: Theo Santiago. Edição Cosac Naify Portátil, São Paulo: Editora Cosac Naify.
- Colman, R. S. & Brand, A. J. 2008. Considerações sobre Território para os Kaiowá e Guarani. *Revista Tellus*. 8(15):153-174.
- Crespe, A. C. 2015. Mobilidade e temporalidade *kaioná*: do *tekoba* à reserva, do *tekobarã* ao *tekoba*. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal da Grande Dourados.

- Dias, L. F. 2013. Consumo de Bebidas Alcoólicas entre os Povos Indígenas do Uaçá. In: Souza, M. L. P. de (org.) 2013 *Processos de Alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Fernandes, J. A. 2013. Cauinagens e bebidas: os índios e o álcool na história do Brasil. In: Souza, M. L. P. de (org.) 2013 *Processos de Alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Ferreira, L. O. 2012. A “canha não tem parente”: relações de substância e consumo de álcool entre os Mbyá-Guarani, RS. Apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia. São Paulo.
- Gonçalves, M. da G. M. 2001. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. da G. M. *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* São Paulo: Editora Cortez.
- Gonçalves, M. da G. M.; Bock, A. M. B. 2009. A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. da G. M. (org.) 2009 *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Editora Cortez.
- Heurich, G. O. 2011. Outras alegrias: parentesco e festas *Mbya*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Rio de Janeiro: Museu Nacional (UFRJ).
- IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>.
- Instituto Socioambiental (ISA) 2017. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em 20 jun. 2017.
- Langdon, E. J. 2013. O Abuso de Álcool entre os Povos Indígenas no Brasil: uma avaliação comparativa. In: Souza, M. L. P. de (org.) 2013 *Processos de Alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Maciel, N. A. 2012. *História da Comunidade Kaiowá da Aldeia Panambiçinbo (1920-2005)*. Dourados: Editora UFGD.
- Montardo, D. L. O. 2002. Através do *Mbaraka*: música e xamanismo Guarani. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo-SP.
- Moretti, L. L. 2017. Modos de beber em áreas indígenas no Mato Grosso do Sul: aproximações entre a psicologia social e perspectivas *Kaiowá* e Guarani. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo-SP.
- Pereira, L. M. 2004. Imagens *Kaiowá* do Sistema Social e seu Entorno. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo-SP.
- \_\_\_\_\_. 2016. *Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado* Dourados: Editora UFGD.
- \_\_\_\_\_. 1999. Parentesco e organização social *Kaiowá*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade de Campinas.
- Seraguza, L. 2015. *Aty Kuña Guasu* – sexualidade e relações de gênero entre os Kaiowa e Guarani publicado nos anais do III Congresso Ibero Americano de Arqueologia, Etnologia e Etno-História, Dourados/MS: UFGD.
- \_\_\_\_\_. 2013. Cosmos, corpos e mulheres *Kaiowá* e Guarani: de *aña* à *kuña*. Dissertação de mestrado em Antropologia, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados-MS.
- Sistema de informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI/SESAI). 2014. Relatório de dados populacionais. Disponível em: <<http://u.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o>>.

-ministerio/70-sesai/9518-siasi>. Acesso em: 15 jan. 2018.

Souza, M. L. P. de (org.). 2013. *Processos de Alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais*. 1º Edição, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

Souza, M. L. P. de; Garnelo, L. 2013. Quando, como e o que se bebe: o processo de alcoolização entre povos indígenas do Alto Rio Negro, Brasil. In: Souza, M. L. P. de (org.). 2013. *Processos de Alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

Teixeira, L. C. 2016. A psicologia na promoção do bem viver indígena. In: CRP-SP (org.). 2016. *Povos indígenas e psicologia: a procura do bem viver*. São Paulo.

Verón, V. (org.). 2011. *Kunumi pepy*. São Leopoldo-RS: Editora Oikos.

Vietta, K. “Pastor dá conselho bom”: missões evangélicas e igrejas neopentecostais entre os Kaiowá e os Guaraní em Mato Grosso do Sul. *Revista Tellus*. 3(4): 109-135.

\_\_\_\_\_. 2007. Histórias sobre terras e xamãs Kaiowa: territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowa de Panambizinho (Dourados, MS) Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo-SP.